

I

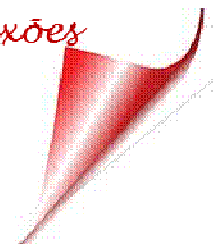
Dezoito horas, encerrou-se mais um expediente. Sexta-feira, o pagamento quinzenal já deve estar depositado na conta bancária de Raimundo. Toda a peõesada ainda se lavava no banheiro fétido, construído com madeirite, no qual os vários chuveiros restringiam-se a um cano PVC incrustado na madeira. Alguns extremamente felizes, por que mais um dia de trabalho havia terminado. Outros ainda mais felizes, por que o dia seguinte era sábado, dia de folga. E todos na expectativa, pois era dia de pagamento.

— Ei, todo mundo, prestem atenção no que vou dizer agora: o Cezar, do Recursos Humanos, acabou de me ligar dizendo que o pagamento só cai na segunda-feira. Problemas com o sistema.

Virou nos calcanhares e saiu como se isto fosse coisa simples, como se não tivesse grandes implicações. Aqueles que riam por que era o fim do expediente pararam de rir. Aqueles que riam por que era sábado cerraram os dentes. Aqueles que riam por que era dia de pagamento franziram a testa e fecharam os semblantes.

— Mais que diabo — gritou o João, um negro alto e forte — como é que se pode trabaiá desse jeito? Assim não tem condição não. Num vorto mais aqui nessa joça semana que vem.

— Calma aí nego véio — disse alguém, em tom consolador.



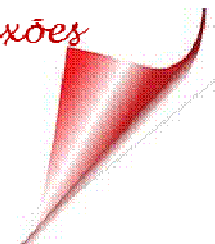
Raimundo era introspectivo, falava pouco, tinha poucos amigos e na obra que agora trabalhava não tinha nenhum conhecido com quem pudesse compartilhar suas angústias. Era auxiliar de pedreiro, ou como dizem uns aos outros, era “oreia seca”. Estava trabalhando na construção de um prédio em uma área nobre da cidade. A sujeira do canteiro de obras contrastava com a beleza, requinte, limpeza e bom gosto dos prédios ao redor, das ruas asfaltadas e bem limpas, dos jardins. A sujeira e feiura daqueles homens demonstrava sua escravidão assalariada.

Sem conseguir desviar da lama que tomava conta de todo o ambiente, Raimundo seguia enchendo as solas do sapato com barro vermelho e pegajoso. Caminhava em direção à saída, já com um certo desespero a lhe esquentar o estômago. Era uma espécie de dor que não se sabe de onde vem e que inflava a cada momento, transformando-se de mera sensação de desconforto em dor física generalizada. Quando abriu a porta de madeirite, que libertava os trabalhadores daquele lugar horrendo e dava acesso à rua de asfalto limpo, jardins coloridos e prédios brilhantes, enfiou a mão no bolso direito da calça e retirou dali algum dinheiro.

Abriu a mão e contou: duas notas de dois reais, uma moeda de um real e uma moeda de cinquenta centavos. Ao todo, cinco reais e cinquenta centavos. Já era sexta-feira, ainda tinha o sábado e o domingo. Este era o único dinheiro que tinha à disposição para passar o final de semana. Lembrou-se do que Maria havia lhe dito, quando saiu de casa às cinco e meia da manhã:

— Raimundo, trais dinheiro hoje porque já se acabou o leite. O minino num tem mais leite pra tomá.

Essa lembrança deu-lhe um comichão. Raimundo iniciou a caminhada em direção ao ponto de ônibus, que ficava a uns oitocentos metros da obra. Subiu a ladeira. Observava os prédios. Todos coloridos, com pintura nova, jardins para todo o lado. Observou o asfalto e pensou consigo mesmo: “como pode sê tão limpo?”. A verdade é que o asfalto era mais limpo que o quintal de sua casa. Quando ia se aproximando do



ponto de ônibus, veio aquela vontade incontrolável de tomar um gole. Fez um cálculo mental rápido: “tenho cinco e cinquenta. Dois e cinquenta pro ônibus. Um real pra pinga. Resta ainda dois e cinquenta. Dá pra comprá o leite do minino”.

— Ô Rapaz, põe pra mim aí uma dose de pinga com arnica, já que tá tudo amargo, vamo amargá mais um pôco.

O dono do bar serviu a dose de arnica para Raimundo. De um só trago, bebeu toda a dose. Sentiu o forte amargor da planta. Fez uma careta, tremeu o corpo como quem sente um arrepio. A pele queimada de sol, o cabelo sem brilho, as roupas velhas davam a Raimundo um aspecto mal-cuidado. Sentiu, em alguns segundos, a pele da face enrubescer. Sentiu em um ou dois minutos que sua consciência já começava a se alterar. Lembrou-se de Maria alguns dias antes, quando ele havia tomado duas doses e ficado bêbado:

— Essi homi num guenta bebê mais nada. Toma uma coisinha de nada e já fica desse jeito. Ave Maria Nossa Senhora!!!

Raimundo envergonhou-se de estar tão fraco para beber. Levantou a cabeça, tentou recolher o restinho de dignidade que ainda tinha consigo e caminhou para a parada de ônibus.

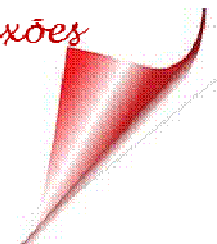
II

Depois de cinquenta minutos de espera, chega finalmente o ônibus. Ainda não estava completamente lotado, mas já dava indícios de que a viagem seria longa e penosa, pois suas pernas estavam cansadas, seus braços doloridos e ele teria que ir em pé a viagem inteira. O cobrador está à espera da plebe que adentra barulhenta ao ônibus. Diz o cobrador a Raimundo:

— Moço, falta cinquenta centavos.

— Falta não, te dei dois e cinquenta.

— Isso mesmo, a passagem aumentou ontem de dois e cinquenta pra três reais.



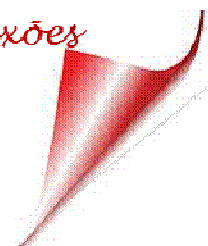
Raimundo havia se esquecido disto completamente. Tinha se esquecido que pela manhã já havia pago três reais e não dois e cinquenta. Pegou a moeda de cinquenta centavos e entregou-a ao motorista. Fez novamente um cálculo rápido: “Tinha cinco e cinquenta. Paguei a pinga com um real. Dei três pro cobrador. Só me resta um e cinquenta. Isso não dá um litro de leite”.

Raimundo mandou seu esquecimento aos diabos. Xingou-se a si mesmo umas trezentas vezes: “burro, imbecil, besta”. Antecipou a voz de Maria, xingando-o de irresponsável, de bêbado... Sentia uma profunda dor por ter feito cálculo tão errado. Se tivesse se atentado para a mudança de preço da passagem, jamais teria bebido aquela arnica. Amaldiçoou a arnica, a pinga, o dono do bar.

— Um e cinquenta!!! Meu Deus, o que faço com essa miséria de dinheiro? Por que aquela bosta de sistema tinha que tê dado problema justo hoje? Essa firma é uma joça mesmo, como disse o nego João.

Ia na viagem assim, pensando consigo mesmo. Veio um gosto amargo em sua boca. A arnica ainda se mostrava presente na vida de Raimundo. Mostrava-se duplamente: levou o dinheiro do leite e agora amargava sua boca de uma forma insuportável. A leve embriaguês que ela tinha provocado parecia ter desaparecido diante da notícia de aumento da passagem de ônibus. Só ficava agora aquele gosto amargo, aquela sede e aquela maldita falta de dinheiro pra comprar o leite.

O calor estava insuportável. O ônibus já havia se enchido ao limite. Raimundo não conseguia parar de pensar na cara de Maria, no olhar inocente de seu filho. A raiva que sentia de si mesmo era gigantesca. Esta raiva inicial, que levou embora sua embriaguês, estava agora sendo convertida em dor, em sofrimento, em culpa. “O que eu faço com um e cinquenta?”, perguntava-se sofregamente Raimundo. “O que vô dizer a Maria?”. Estas perguntinhas eram uma espécie de calvário. Cada interrogação era um corte de navalha desferido na face. Doía saber que não ia comprar o leite. Doía saber



que Maria lhe daria aquele olhar de desaprovação, de desprezo. O olhar de Maria, nestas situações, doía mais do que qualquer coisa.

— Que firma desgraçada!! Que sistema maldito!! E aquele mestre de obras, cheio de razão, dá a notícia como se não fosse nada importante. Bando de desgraçados. Agora Maria vai me oiá daquele jeito. O que vô fazê com um e cinquenta?

Estes eram os pensamentos que afligiam Raimundo. Dor maior parecia não existir. Culpa, vergonha, fracasso. Chega o nosso herói ao seu destino, desce do ônibus.

III

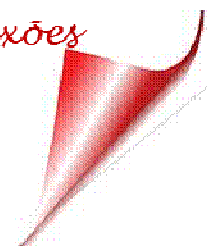
Retira a carteira de cigarro do bolso da camisa, confere. Só tem mais um cigarro. Acende. Dá uma, duas, três tragadas seguidas. Sente a nicotina percorrer seu corpo. Parece um alento. Por alguns segundos, esqueceu-se Raimundo de suas dificuldades. Mas só por alguns segundos. O cheiro da fumaça entrou em suas narinas, a sensação de bem estar durou todo o cigarro. Ao término, o desespero.

Enfiou a mão no bolso da calça, pegou as moedas. Um e cinquenta. Pensou consigo mesmo: “isto não dá um litro de leite, mas dá uma dose e um cigarro”. Começou a pensar nos bares aonde poderia ir. “O bar do Neca não posso, devo muito pra ele. O bar do Pedro, lá perto de casa. Vish, esse muito menos. Se aparecer por lá, ele me quebra a cara. Tem aquele bar perto da casa de Nena, acho que vou lá, se devê alguma coisa pra ele pago com esse um cinquenta e já pinduro mais duas dose e um cigarro”.

Raimundo devia seis doses e oito cigarros. Ficou desconcertado diante do tamanho da dívida. Julgava que fosse bem menor. Disse:

— Hoje tô com esse dinheiro aqui. Te pago uma dose e um cigarro e quero pindurar mais uma dose e um cigarro.

— Raimundo, não vô te vendê nada não, rapaiz. Você tá me devendo esse tanto de pinga aqui já tem mais de dois meis. Achei que ocê num ia aparecer aqui mais pra



pagar. Quando aparece, me vem com uma patacada dessa. Hum, vendo nada não. Me dá esse um cinquenta aqui.

Não existe nada mais humilhante do que dever pra dono de bar. Ser humilhado com um e cinquenta no bolso é algo que um homem como Raimundo não poderia tolerar. Mas a verdade é que ainda era sexta-feira e o sábado e o domingo seriam longos. Recolheu-se Raimundo aos seus bolsos vazios e já sem a dignidade de quando entrara, suplica:

— Pindura aí, rapaiz. Recebo na segunda e já passo aqui e acerto tudo.

— Ocê me disse isso quando pindurô essas pinga aqui.

— Agora é diferente, tenho dinheiro pra recebê e aí vô podê te pagá.

Jorge, o dono do bar, tinha um péssimo hábito de se compadecer destes bêbados sem dinheiro. Concedeu em vender mais uma dose e um cigarro. Raimundo bebeu outra arnica. Como aquele amargo da pinga lhe dava prazer. Quando o cheiro amargo entrava em suas narinas, ele sentia arrepios em todo o corpo. Gostava de ver o arrepio dos pêlos dos braços. Quando a bebida entrava em sua boca, sentia um bem estar profundo. Era um momento no qual era ele com ele mesmo. Nada mais parecia lhe preocupar. Cinco segundos depois, contudo, vinha-lhe novamente o pensamento de que Maria lhe olharia com reprovação, de que no dia seguinte o menino não beberia leite.

Culpa, autocensura, reprovação, vergonha. Raimundo sentia tudo isto percebendo que os efeitos da pinga barata já começavam a subir. Acendeu o cigarro, fumou-o sem o mesmo prazer do anterior. Foi algo mais mecânico. Na porta do bar, decidindo se deveria ir agora ou esperar mais um pouco, olhou novamente para as garrafas empoeiradas nas estantes da parede. Antes de enfrentar Maria e o olhar inocente do menino, tinha que tomar mais uma.

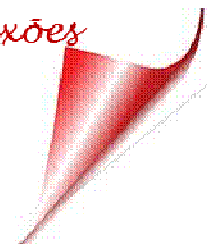
— Jorge, só mais uma dose e na segunda acerto tudo.

— Ora Raimundo, deixe de sê sem vergonha, sei que não vai me pagá essas pinga. Todo mundo tá acostumado com seus calote.

Ano 01, Número 02, jul./dez. 2014

[20]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



Aquelas palavras doeram. Não se chama nunca, mas nunca mesmo, um homem de sem vergonha. Mas fora justamente disto que Raimundo fora insultado. Sentiu uma vontade de dar umas boas cacetadas em Jorge. Não teve coragem para tanto. Humilhado, sem forças para qualquer outra reação, só conseguiu dizer:

— Te prometo Jorge, em nome de Deus, que segunda te pago. Preciso muito de tomá mais uma. Por favor, pindura mais uma aí.

Raimundo viu em suas palavras, em sua ação miserável as últimas gotas de dignidade que ainda lhe restavam cair naquele chão imundo daquele bar imundo. Tomou mais uma dose, que Jorge serviu com muito mal gosto, de cara fechada. Raimundo viu nos olhos, na atitude, na maneira de servir a pinga todo o desprezo que Jorge nutria por ele. Como estas palavras agrediam: culpa, vergonha, humilhação, desprezo.

A dose de arnica subiu completamente à cabeça de Raimundo. Já não tinha mais o controle sobre suas pernas. Sua voz estava arrastada. As ideias já não pareciam mais fazer sentido para os que o ouviam. Todos os outros bêbados que estavam no bar tentavam se afastar dele, pois suas ideias eram incongruentes. Novamente, bateu-lhe às portas da consciência: culpa, vergonha, humilhação, desprezo. Bêbado e derrotado, Raimundo decide terminar sua jornada e encaminha-se para casa.

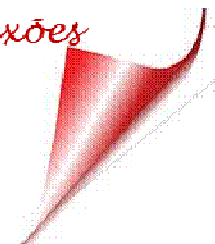
IV

Contrastando com o bairro onde trabalha, o bairro onde mora não tem asfalto, só umas ruas empoeiradas e cheias de buraco, por onde andam cachorros e gatos de rua. Do bar até sua casa, Raimundo percorre um intrincado caminho, ora descendo, ora subindo, vira à direita aqui, vira à esquerda acolá. O caminho a percorrer parece demasiado longo. O cansaço das pernas e as dores dos braços parecem voltar a toda força. É um suplício enorme percorrer aquele caminho todo. Tudo o que queria neste exato momento era deitar-se. Não pode, tem que chegar em casa. “Um homem, num

Ano 01, Número 02, jul./dez. 2014

[21]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



pode ficar jogado na rua que nem cachorro”, pensava consigo mesmo. Cambaleia para cá, cambaleia para lá. Ouve duas mulheres de meia idade sentadas à porta de uma casa fazerem comentários maldosos. Sabe que estão falando dele. Sente raiva e vergonha, mas continua, como Homero, até o final de sua jornada.

Quando se aproxima de sua casa, a uma esquina de distância, avista Maria, de braços cruzados, semblante cerrado. Tenta endireitar-se, fazer passar por sóbrio. Quanto mais se esforça em manter-se ereto e equilibrado, mais as pernas lhe traem mandando-o para um e outro lado da rua. Já antecipa as reclamações, as represálias de Maria. Com muita dificuldade, pois a presença de sua esposa à porta da casa parece tê-lo deixado completamente fora de si por alguns instantes, caminha rumo ao lar.

À porta de casa, ouve a voz de Maria, triste e enraivecida:

— Êêê, mais já tá desse jeito!?

Tenta balbuciar qualquer coisa, mas as palavras lhe faltam, não por causa da embriaguês, talvez um pouco por causa disto, mas principalmente por não conseguir dizer nada decente à sua mulher. A culpa e a vergonha tomam-lhe completamente. Sente-se humilhado e desprezado.

A culpa e a vergonha de ser o que é tornam os movimentos de sua língua algo muito difícil, mas esforça-se e consegue fazer com que algumas palavras caiam de sua boca:

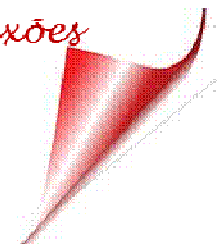
— A firma não me pagou hoje. Dissero que foi um tal de sistema — foram suas únicas palavras.

Maria banha os olhos com lágrimas. Raimundo sente mais culpa e vergonha. Maria não vem, como de costume, com um tropel de palavras a ofender-lhe, a xingar-lhe, a humilhar-lhe e maltratar-lhe. Senta em uma cadeira velha, põe as mãos sobre a face, os cotovelos sobre as pernas, curva as costas e abre um pranto muito dolorido. Raimundo olha aquela cena e manda aos diabos o tal sistema, xinga com todos os palavrões que conhece a firma onde trabalha. Lembra-se do olhar indiferente do mestre

Ano 01, Número 02, jul./dez. 2014

[22]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



de obras noticiando a tragédia de que o sistema tinha dado problemas e que não haveria pagamento de salário na sexta-feira.

Raimundo, sentado ao sofá, com o corpo meio desconjuntado, ouve um ruído vindo do quarto. Levanta-se, meio cambaleante, chega à porta e observa seu rebento dormindo ternamente, inocentemente, sem saber que na manhã seguinte não terá leite para beber. Entra para o banheiro, liga o chuveiro e chora sozinho.

Aparecida de Goiânia,
19 de dezembro de 2014

Ano 01, Número 02, jul./dez. 2014

[23]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões

